

A NOÇÃO DE ESTEREÓTIPO E A *PERSONA* RITA VON HUNTY NO INTERIOR DA TEORIA DOS ESPAÇOS MENTAIS

Maiara Stéfani Costa Brandão (FURG)¹

RESUMO

A presente proposta de comunicação objetiva compreende a constituição da *persona* Rita Von Hunty, à luz da Teoria dos Espaços Mentais, em sua relação com a noção de estereótipo. A construção de uma *persona* perpassa a noção de estereótipo e é discutida pela própria Rita Von Hunty em seu canal, *Tempo Drag*. O estudo apresentado é desenvolvido, por um lado, a partir de uma abordagem Semântica, com a leitura de *Mental Spaces* (FAUCONNIER, 1994), *The way we think* (FAUCONNIER; TURNER, 2002), *Crátilo* (PLATÃO, 1994) e *Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação* (MONDADA; DUBOIS, 2015) e, por outro lado, a partir de autores que possibilitam compreender o universo *drag queen* e das performances de gênero, tais como Chidiac e Oltramari (2004), Jesus (2012) e Amanajás (2015). Esses autores acabam dialogando com a noção de estereótipo, já que as diferenças comuns entre as identidades masculina e feminina são construídas culturalmente e determinadas por padrões regulados pela sociedade. Deste modo, partindo da perspectiva semântico-(sócio)cognitiva, é possível perceber que um estereótipo emerge de valores e de crenças culturais, sócio-historicamente forjadas. Esse processo ativa memórias armazenadas em nossas mentes e produz sentidos ligados às nossas experiências (sócio)cognitivas. Dessa maneira, o efeito de sentido produzido surge como algo naturalizado, ocorrendo por intermédio de uma linguagem simbólica carregada de atitudes de legitimação ou de deslegitimação das *drags*. A performance de gênero revela, assim, através da sua arte, como homens e mulheres são construídos socialmente e, portanto, como podem ser facilmente “mimetizados”.

Palavras-chave: Referenciação. Espaços Mentais. Estereótipo. Performance de gênero.

¹ Mestranda em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Letras - ILA – FURG. Orientadora: Profª Dra. Eliana da Silva Tavares.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é parte de uma dissertação que está sendo desenvolvida na pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), e aborda a constituição da *persona* Rita Von Hunty à luz da Teoria dos Espaços Mentais, discorrendo, conseqüentemente, sobre a problemática da referência, que diz respeito à relação entre língua(gem) e mundo. Neste sentido, a abordagem desenvolvida é semântico (sócio)cognitiva, que apresenta neste viés os processos de significação envolvidos na conceptualização, e é investigada a partir do imbricamento de fatores cognitivos, sociais, históricos, além de fatores de natureza linguística.

Essa fundamentação teórica é utilizada para buscar compreender de que maneira a noção de estereótipo influencia a constituição de uma *persona*. Segundo Trindade e Grantham (2016, p. 253) “os sentidos são construídos, desconstruídos e reconstruídos ao longo do tempo”, esse processo de significação está ancorado nos valores socioculturais e históricos da sociedade, dessa maneira busca-se compreender ainda como os estereótipos impactam nos nossos desempenhos como seres sociais, fazendo com que criemos imagens sobre determinados pontos e [as] signifiquemos a partir de então. Todos esses fatores ocorrem na cognição e acabam tornando-se “algo natural e simples, presente na vida social e individual dos sujeitos, por meio de uma linguagem simbólica carregada de força e de poder” (TRINDANDE; GRANTHAM, 2016, p.254).

Esta discussão se justifica pelo fato de que a linguagem apenas guia o significado que é construído no interior dos discursos e se dá por meio de operações mentais que muitas vezes não são percebidas na tessitura da própria língua, mas que são configuradas em nossas mentes e estão interligadas com as noções que formulamos por meio de experiência com o “mundo real”. Além disso, abordar questões de estereótipos e de *persona* no atual contexto é de extrema relevância para não só mostrar a riqueza da performance artística, mas também para revermos e questionarmos determinados estereótipos e preconceitos que foram se firmando na sociedade.

METODOLOGIA

As questões propostas neste trabalho serão desenvolvidas, por um lado, à luz de Fauconnier (1994), com a Teoria dos Espaços Mentais, e de Fauconnier e Turner (2002), com a noção de Mesclagem Conceptual (*bledings*); para as indagações relativas à problemática da significação, e, portanto, da referenciação, ou constituição do objeto de discurso, serão considerados os estudos de Mondada e Dubois (2015).

Por outro lado, para relacionarmos a constituição de uma *persona* e a noção de estereótipo com a organização dos espaços mentais, serão utilizados textos que possibilitam a compreensão do universo *drag queen* e de performances de gênero, como Chidiac e Oltramari (2004), Jesus (2012) e Amanajás (2015). Além de discorrer sobre estereótipo e as formas de subjetivação com as autoras Trindade e Grantham (2016). Para complementar o *corpus*, será abordado o vídeo “Estereótipo”, publicado no canal *Tempero Drag*, no ano de 2021, e as entrevistas que Rita Von Hunty participou, sobretudo suas falas em “Pode um professor ser drag queen? Conheça Rita Von Hunty” (CARTA CAPITAL, 2019), “Cauê Moura + Rita Von Hunty” (MOV, 2020) e “Mais que 8 minutos - Rita Von Hunty” (BASTOS, 2021). Em seguida, como parte específica deste trabalho, será desenvolvida uma análise que terá como objetivo compreender o processo cognitivo envolvido na noção de estereótipo e na constituição de uma *persona*.

UMA BREVE EXPLANAÇÃO TEÓRICA

A pesquisa ainda está no início de seu desenvolvimento, por isso, em um primeiro momento, como recorte específico para este estudo, procurarei estabelecer as principais noções dos processos de significação e sua vinculação com as concepções de estereótipo e de *persona*.

Principais desdobramentos dos processos de significação: os Espaços Mentais e a Mesclagem Conceptual

A Teoria dos Espaços Mentais é apresentada por Fauconnier (1994) como uma teoria que afere o que acontece na nossa cognição, no processamento e constituição da significação, tratando, portanto, dos espaços conceptuais e dos processos que não podemos sequer ver, ou ouvir. Estes espaços envolvem condições cognitivas, culturais e sociológicas que influenciam diretamente os dados linguísticos. É a partir delas que ativamos os princípios cognitivos disponíveis e os *frames*, “o termo *frame* designa um sistema estruturado de conhecimento, armazenado na memória de longo prazo e organizado a partir da esquematização da experiência” (FERRARI, 2020, p. 50).

Os espaços mentais são configurados não apenas por construtores de espaço explícito, mas por outros meios gramaticais mais indiretos, e, também, por fatores pragmáticos, culturais e contextuais não linguísticos:

As construções dos espaços mentais são cognitivas; eles não são algo que está sendo referido, mas sim algo que em si pode ser usado para se referir a mundos reais, e talvez imaginários. E, o mais importante, eles incluem elementos (funções) que não têm, e não podem ter, referência direta no mundo. (FAUCCONNIER, 1994, p. 38)

Não são controvérsias ou novas concepções, são valores diferentes, em momentos e organizações diferentes, assim, “espaços mentais são, portanto, domínios conceptuais locais que permitem o fracionamento da informação, disponibilizando bases alternativas para o estabelecimento da referência” (FERRARI, 2020, p. 111).

Nesta perspectiva, a mesclagem conceptual é apresentada por Fauconnier e Turner (2002) como uma operação mental básica que ocorre por meio da combinação conceptual, isto é:

A mesclagem conceptual (*blending*) é uma operação mental que pode ser considerada a origem da nossa aptidão para inventar novos sentidos. Consiste em uma operação através da qual se estabelece projeção parcial entre dois espaços iniciais (*Input 1* e *Input 2*), que permite uma correspondência entre elementos análogos. Essa correspondência, por sua vez, é licenciada pelo Espaço Genérico, representante da estrutura abstrata que os espaços iniciais têm em comum. Por fim, há um quarto espaço nomeado mescla (*blend*), que reúne elementos projetados nos *inputs*, estabelecendo uma estrutura emergente própria não existente nos espaços iniciais. (FERRARI, 2020, p. 121).

Segundo Fauconnier e Turner (2002), a mesclagem se dá pelas diferentes linhas de elaborações, as quais podem continuar indefinidamente, isto é, podemos executar o *blend* por diferentes alternativas. Essas possibilidades criativas de mesclagem, derivam da natureza aberta da conclusão e da elaboração. Portanto, nossas realidades são transformadas de forma criativa pelo *blend*. Isto é, partes das nossas vidas são consequências de um processo mental, e o significado é construído pelo indivíduo, sendo descendente do grupo social em que este está inserido.

A problemática da referência

A problemática da referência, em Semântica, pode ser abordada desde Platão (1994) onde se questionava a relação da língua com o mundo ou dos nomes com as coisas e já havia uma reflexão de que os nomes (as palavras) não podem ter uma relação intrínseca com as coisas, porque as palavras têm que ser distintas das coisas, e não a sua reprodução exata; até as considerações linguístico-cognitivas, para as quais a referenciação é entendida como “construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, nas ratificações de concepções individuais e públicas do mundo” (MONDADA; DUBOIS, 2015, p. 20). Nesta perspectiva, a visão abordada é a de que “não há uma relação direta entre linguagem e mundo e sim um trabalho social designando o mundo por um sistema simbólico cuja semântica vai se construindo situadamente” (MARCUSCHI, 2003, p. 67).

Esse ponto de vista está ligado à aceção de que o modo pelo qual o sujeito compreende o mundo não é preexistente e nem dado, pois as atividades semânticas são desenvolvidas e transformadas a partir de contextos sócio-históricos em que os sujeitos estão inseridos. Essas práticas advindas das interações são ancoradas nas operações cognitivas que marcam a instabilidade constitutiva das categorias e dos objetos de discurso, portanto, da língua como um todo. Dessa maneira, a abordagem de Mondada e Dubois (2015) em relação à referenciação leva em conta um sujeito sócio-histórico e cognitivo, bem como sua relação constitutiva com o discurso e o mundo “real”.

Esse processo nos leva à negociação de sentidos, porque negociamos recorrendo a elementos da língua, para alcançarmos determinados fins comunicativos pragmáticos. Assim sendo, essa construção discursiva do mundo não é subjetiva, individual, mas sim social e histórica, pois envolve a capacidade de os interlocutores fazerem inferências, a partir do conhecimento (com)partilhado entre si. É neste âmbito que se busca compreender a noção de estereótipo e de performance de gênero, abordando, conseqüentemente, a constituição de uma *persona*.

A noção de estereótipo: uma construção cultural

Segundo Trindade e Grantham (2016, p. 258), “o conceito de estereótipo foi criado em 1922, pelo escritor estadunidense Walter Lippmann e pode ser compreendido como uma imagem entreposta entre o indivíduo e a realidade, com caráter subjetivo e pessoal”. Isto é, o estereótipo é uma generalização feita por determinados grupos que muitas vezes revelam a falta de conhecimento sobre dado assunto.

O estereótipo é produzido na sociedade por meio de imagens fixas e serve muitas vezes como um oportunismo que se desenvolve por meio de uma linguagem deformada que se espalha rapidamente em diferentes contextos. O estereótipo é assim “palavra repetida, [...] é a via atual da ‘verdade’, o traço palpável que faz transitar o ornamento inventado para a forma canonical, coercitiva, do significado” (BARTHES, 1999, p.57-58 *apud* TRINDADE; GRANTHAM, 2016, p. 258).

Quanto aos estereótipos de gênero, e aqui destacando os que envolvem as mulheres, temos a imagem feminina ligada a diferentes crenças, as quais, segundo as autoras, se referem frequentemente a sua função de mãe e dona de casa, sua posição de sexo frágil, mostrada como objeto sexual, submissa ou serviçal (TRINDADE; GRANTHAM, 2016, p. 258). Essas crenças são construções culturais e servem muitas vezes como elementos constitutivos das relações sociais e da decodificação do significado impresso na interação humana. O que é perigoso, visto que o gênero não deve ser confundido com o sexo e muito menos fundamentar padrões a serem seguidos na sociedade.

Conforme Scott (1995, p. 89 *apud* TRINDADE; GRANTHAM, 2016, p. 258):

o gênero, ao enfatizar o caráter fundamentalmente social das divisões baseadas no sexo, possibilita perceber as representações e apresentações das diferenças sexuais. Imbricadas às diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres, estão outras, social e culturalmente construídas. Dessa maneira, a ênfase dada pelo conceito de gênero à construção social das diferenças sexuais não se propõe a desprezar as diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres, mas considera que, com base nestas, outras são construídas.

Nesse sentido, os estereótipos de gênero são definidos a partir de “representações generalizadas e socialmente valorizadas acerca do que os homens e as mulheres devem ser e fazer. Por exemplo: rosa é cor de menina, homens não choram, TPM deixa as mulheres irracionais, etc.” (TRINDADE; GRANTHAM, 2016, p. 259). Dessa maneira, o estereótipo se caracteriza como um conjunto de crenças – individuais ou partilhadas - que surgem a partir dos atributos direcionados a homens e mulheres.

É com base nessas questões que estruturam o estereótipo como uma construção cultural que o presente trabalho se funda.

Performance de gênero e noção de *drag queens*: a arte de constituir uma *persona*

Como vimos na discussão sobre os estereótipos, as diferenças apontadas entre homens e mulheres são construídas socialmente, “desde o nascimento, quando meninos e meninas são ensinados a agir de acordo como são identificadas, a ter um papel de gênero ‘adequado’” (JESUS, 2012, p. 8). Isto é, crescemos sendo ensinados a agir conforme o nosso sexo: “homens são assim, mulheres fazem isso”. Porém, há uma diferença que ainda não foi compreendida pela sociedade: “sexo é biológico, gênero é social, construído pelas diferentes culturas” (JESUS, 2012, p. 8). O equívoco se dá pelo fato de que como essas influências sociais não são visíveis, e sim, construídas em um segundo plano, tem-se a ideia de que as diferenças entre homens e mulheres sejam naturais e não construídas *no e pelo* convívio social, pois o que as define é a cultura.

Outro conceito que é ligado erroneamente à construção de gênero, é a de orientação sexual, por isso, é importante destacar que:

Gênero se refere a formas de identificar e ser identificada como homem ou como mulher. Orientação sexual se refere à atração afetivossexual por alguém de algum/ns gênero/s. Uma dimensão não depende da outra, não há uma norma de orientação sexual em função do gênero das pessoas, assim, nem todo homem e mulher são ‘naturalmente’ heterossexual. (JESUS, 2012, p. 12).

Esclarecidos estes conceitos, partimos para a noção de *drag queen*, que a compreendemos da seguinte maneira:

Artistas que fazem uso de feminidade estereotipada e exacerbada em apresentações são conhecidos como *drag queens*, que são homens fantasiados como mulheres. No mesmo sentido, mulheres caracterizadas de forma caricata como homens, para fins artísticos e de entretenimento, são chamadas de *drag kings*. (JESUS, 2012, p. 18).

Sendo assim, a *drag* é uma personagem que não necessariamente tem relação com sua identidade de gênero ou orientação sexual. Portanto, *drag* se constitui como uma performance artística.

Segundo Turner (1987 *apud* CHIDIAC; OLTRAMARI, 2004, p. 472/473):

a performance é uma forma dos seres humanos se comportarem, é algo relacionado à experiência humana [...] é um evento que se realiza com atores sociais que tentam persuadir as pessoas. Assim, os atores performativos têm o potencial, por intermédio deles mesmos, de subverter e transformar o *status quo*.

Dessa maneira, a *drag* está ligada ao trabalho artístico, pois há a elaboração de uma personagem a partir da socialização e da transformação do corpo.

Assim, é possível compreender uma resignificação por meio de construção de objeto de discurso, em que *drag* é constituída, por exemplo, como distinta de travestis, porque são conceptualizações sócio-históricas distintas. Como afirmam Chidiac e Oltramari (2004), enquanto as *drags* são artes interpretativas e se inserem em diferentes espaços sociais e culturais para as suas performances, as travestis permanecem vestidas de mulheres em seu cotidiano. Além disso, as travestis sofrem com a exclusão social, pois sua imagem é associada à marginalização e à prostituição.

As *drags* ressaltam suas características caricatas que lhes permite a utilização dos mais variados acessórios na construção de suas personagens feminino-masculino. A imagem de uma *drag queen* vem sempre associada aos conceitos de beleza, sedução e vaidade. Ao se constituir *drag*, os sujeitos passam por um longo período de transformação, buscando um “outro” não acessível, senão por meio de sua montaria. (LOURO, 2004 *apud* CHIDIAC; OLTRAMARI, 2004, p. 472).

Ainda conforme Louro (2004 *apud* CHIDIAC; OLTRAMARI, 2004, p.472), essa montaria se refere “ao ato de construir a personagem feminina com adereços, nome próprio e características femininas. Os sujeitos, quando montados de *drag*, unem, em um único corpo, características físicas e psicológicas de ambos os gêneros, sendo e estando masculinos e femininos ao mesmo tempo”. Sob o escopo da perspectiva teórica que mobilizamos para análise e estudo, somos levados a compreender que as *drags* constituem-se enquanto um *blending*, uma mesclagem conceptual de aspectos da conceptualização do que estereotipicamente designamos enquanto masculino e/ ou enquanto feminino.

RITA VON HUNTY E OS ESTEREÓTIPOS NO INTERIOR DOS ESPAÇOS MENTAIS

É importante destacar, em um primeiro momento, que os resultados obtidos são parciais e que ainda se encontram em desenvolvimento. Rita Von Hunty é uma *persona* do ator e professor Guilherme Terreri, que ficou conhecida por estrear no *Youtube*, no canal *Tempero Drag*. O canal apresentava receitas veganas, mas após Terreri presenciar uma cena entre duas meninas que se diziam apolíticas, houve uma virada. Depois de dois anos e quatro meses da estreia, o canal começou a trazer com mais frequência outros assuntos, majoritariamente ligados à cultura e à política do Brasil. Como a adesão a esses vídeos foi massiva e houve uma procura maior pelo canal, em dezembro de 2018, o *Tempero Drag* tornou-se um espaço que trata exclusivamente de assuntos políticos sociais, sendo um canal crítico, irônico, debochado e com foco na ideologia, no alimento e fomento de uma educação política.

Na entrevista para o canal *MOV*, no quadro “Pocas”, comandado por Cauê Moura (2020), quando questionada sobre a escolha da imagem de uma *drag* para abordar assuntos tão polêmicos, e o medo de não ser ouvida, ou ainda, do preconceito que sofreria, Rita Von Hunty respondeu: “Eu fazia *drag* e era professora, só juntei as coisas. Tem sim gente que não me leva a sério, mas também

tem outros que saem transformados e que aprendem a repensar sobre LGBTQIA+ e arte *drag*". Além disso, em uma entrevista para a *Carta Capital* (2019), Terreri ressaltou:

A Rita é uma ferramenta que eu encontrei para dialogar com um público maior. Dentro da sala de aula, eu tenho um alcance, de peruca, batom e na internet, eu tenho outro. [...] É um meio através do qual às vezes eu posso tirar um debate que às vezes fica restrito dentro da academia e torná-lo mais democrático, mais acessível, mais vivo, mais reverberante nas pessoas.

É justamente essa a posição a que o canal foi alçado: a de um canal de divulgação de conhecimento e de formação e de conscientização política, para cidadania.

O medo do preconceito surge justamente por conta dos estereótipos que, perigosamente, apontam as "definições" de homens e mulheres, fazendo com que as pessoas busquem as características da *persona* para encaixá-la em um gênero, ou pior, em um sexo. Entretanto, são os estereótipos também que contribuem para a construção de uma *drag queen* ou de uma *persona*. Pois, como homens e mulheres são socialmente construídos, acabam por ser também facilmente "mimetizados", ou seja, imitados. Dessa maneira, segundo a própria Rita Von Hunty em uma entrevista para o canal *Rafi Bastos* (2021), "a *drag queen* é um movimento político", isto é, é uma performance de raízes políticas e culturais, pois ser *drag* é denunciar que "uma parte gigantesca de gênero é performance, é acessório, é adereço e pode ser aprendida", e "a ideia de que isso é uma construção e pode ser desconstruído mexe com um pilar muito importante na sociedade, o de poder". Isto é, a construção de uma *persona* está ancorada nessas generalizações dos estereótipos, o que mostra como as crenças se constroem na cultura e de como elas ficam gravadas em nossa memória, ou seja, de como partes das nossas vidas são consequências de um processo mental (FAUCONNIER, 1994).

Ainda na entrevista que Rita Von Hunty concedeu para o canal *Rafi Bastos* (2021), a *drag queen* ressaltou que "a identificação [do gênero] está ancorada no mundo que se construiu a partir do treinamento (...) a identificação está ancorada na prática daquele povo, daquele tempo". Essa perspectiva conversa com o processo de referenciação apresentado anteriormente: "não há uma relação direta entre linguagem e mundo e sim um trabalho social designando o mundo por um sistema simbólico cuja semântica vai se construindo situadamente" (MARCUSCHI, 2003, p. 67). Ou seja, como o gênero é construído em diferentes culturas (JESUS, 2012), a identificação de uma pessoa ocorre por meio da sua relação com a sociedade, pois "ninguém nasce, torna-se" uma identidade.

Dessa forma, ocorre uma identificação com uma formação discursiva que procura determinar o que *pode e deve ser feito* pelas mulheres ou pelos homens. Esse discurso, de forma inconsciente, reafirma um estereótipo sustentado socialmente por muito tempo e caracteriza ainda uma mesclagem que forma uma estrutura outra e que mexe com as concepções sociais do mundo (FAUCONNIER; TURNER, 2002). Um exemplo são as vestimentas de uma *drag queen* que nos remetem à figura feminina, pois estão inseridas nas construções mentais que aferimos ao gênero, mesmo que sejam muitas vezes exageradas.

CONCLUSÃO

Observou-se, neste estudo, que as *drags queens* têm ganhado um espaço muito importante no mundo contemporâneo. E as performances, inseridas em diferentes contextos sociais, acabam possibilitando que o artista trate de assuntos desse universo e lute para despertar a sociedade quanto aos valores e práticas de estigmatização e suas estruturas. Além disso, as *personas* que são

constituídas por atores que interpretam figuras femininas denunciam o quanto homens e mulheres são socialmente construídos (o jeito de sentar, de falar, de andar *etc.*), e é por isso que eles podem ser “mimetizados”.

Essa construção está ancorada na noção de estereótipo, que está intrincada na cultura e na esfera cognitiva, fazendo com que as imagens criadas na sociedade sejam armazenadas em nossas memórias e trazidas à tona quando significamos. E essas crenças presentes no inconsciente das pessoas fazem com que elas reproduzam e reafirmem estereótipos que estão sendo sustentados há muito tempo.

REFERÊNCIAS

- AMANAJÁS, Igor. **Drag queen**: um percurso histórico pela arte dos atores transformistas. Revista Belas Artes, v. 6, n. 16, p. 1-23, 2015.
- BASTOS, Rafi. **Mais que 8 minutos - Rita Von Hunty**. Disponível em: <https://youtu.be/VIOVwMgkvPM>.
- CARTA CAPITAL. **Pode um professor ser drag queen? Conheça Rita Von Hunty**. Disponível em: <https://youtu.be/4x44M45hDyU>. Acesso em 10 jan 2021.
- CHIDIAC, Maria Teresa Vargas; OLTRAMARI, Leandro Castro. **Ser e estar drag queen**: um estudo sobre a configuração da identidade queer. Estudos de Psicologia (Natal), v. 9, p. 471-478, 2004.
- FAUCONNIER, Gilles. **Mental spaces**: Aspects of meaning construction in natural language. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. **The way we think**: Conceptual blending and the mind's hidden complexities. New York: Basic Books, 2002.
- FERRARI, Lilian. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2020.
- FREGE, Gottlob. Sobre o Sentido e a Referência. In: ALCOFORADO, Paulo (org. e trad.). **Lógica e Filosofia da Linguagem**. São Paulo, Cultrix/Edusp, 1978.
- TEMPERO DRAG. **Eu não sou uma mulher**. Disponível em: <https://youtu.be/tXhEqfe0JY8>. Acesso em: 01 jun. 2021.
- TEMPERO DRAG. **Estereótipos**. Disponível em: <https://youtu.be/XeVqSnJC5Pg>. Acesso em: 14 jul. 2021
- JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. Brasília, 2012.
- MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Daniele. Construção de objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referência. In: CAVALCANTE, M. M. et al (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2015. p.17-28.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. A Construção do mobiliário do mundo e da mente: linguagem, cultura e categorização. In: MIRANDA, Nessa Salim e NAME, Maria Cristina (Org.). **Linguística e Cognição**. Juiz de Fora: UFJF, 2003, p. 49-77.
- MOV. **Cauê Moura + Rita Von Hunty**. Disponível em: <https://youtu.be/ap9RR14RgRc>.
- PLATÃO. **Crátilo**. Diálogo sobre a justeza dos nomes. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1994.
- TRINDADE, Patrícia Luiza Gonçalves; GRANTHAM, Marilei Resmini. **Tipo uma menina**: estereótipo e formas de subjetivação. Entrepalavras, Fortaleza, v. 6, n. 2, p. 252-273, jul./ dez. 2016.